

Fernando Pessoa

## A LINHAGEM DOS IMPERADORES

Bandarra

### A LINHAGEM DOS IMPERADORES

Dois imperadores houve que reproduziram o tipo solar: Alexandre e Napoleão. [Para Alexandre cit. Para Napoleão, o estudo singular do Padre Peres — francês de origem portuguesa, como o prova o apelido — que, querendo fazer uma sátira ao sistema de (...), definiu, sem querer, a Napoleão como o Sol.]

Tanto Alexandre como Napoleão têm ainda de comum o facto de dominarem em um império a cuja nacionalidade não pertenciam. A dominação de Alexandre figura na história (à parte o seu nome propriamente histórico de império macedónio) como “Império Grego”; Alexandre, porém, era macedónio, e não grego. A dominação de Napoleão, não figurando como império francês, pois o não houve nem haverá, foi-o contudo da França, e Napoleão não era francês, mas italiano.

... o caso singular da grafia de Anticristo. Por vezes esta palavra escreve-se Antecristo (em francês escreve-se sempre *Antecrist*) e a língua francesa não segue uma ortografia sónica, senão etimológica. Parece haver a intenção de que a figura dada como Anticristo seja ao mesmo tempo Antecristo; em outras palavras, que seja contra por ser antes, e antes nos sentidos de “antes” e de “adiante”, como de quem “passasse adiante” de Cristo. A Napoleão chamaram anticristo, e chamaram bem. O próprio nome Ne-apoleon quer dizer, como provou O P.e Peres, «verdadeiro Satanás». De Alexandre se pode dizer, também, que era Antecristo, mas este no sentido de vir antes. Do Terceiro Imperador se dirá que é Antecristo no terceiro sentido, que é o único que falta aplicar — o de ir adiante de Cristo, como um arauto, na vanguarda do Segundo Adiante. E é essa, aliás, a interpretação do Imperador de 2198, em a qual convêm as profecias.

(Isto prova que o ano de 2198 traz um indivíduo e não só uma atmosfera ou um ambiente...)

s. d.

**Sobre Portugal — Introdução ao Problema Nacional.** Fernando Pessoa (Recolha de textos de Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Morão. Introdução organizada por Joel Serrão.) Lisboa: Ática, 1979: 61.